

**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DAS RELAÇÕES ÉTNICOS RACIAIS NO ENSINO
BÁSICO**

Adriane Soares dos Santos

VENTANIAS ANCESTRAIS: Os saberes do samba e suas
narrativas no terreiro das escolas de samba mirins

Rio de Janeiro
2025



Adriane Soares dos Santos

VENTANIAS ANCESTRAIS: Os saberes do samba e suas narrativas no terreiro das escolas de samba mirins

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós Graduação em Educação da Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico.

Orientador Professor Litt. D. Osmar Soares da Silva Filho

Rio de Janeiro

2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

S237 Santos, Adriane Soares dos
Ventanias ancestrais : os saberes do samba e suas narrativas no terreiro das escolas de samba mirins / Adriane Soares dos Santos. - Rio de Janeiro, 2025.

26 f.

Artigo Científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá)) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Osmar Soares da Silva Filho.

1. Relações étnico-raciais - Estudo e ensino. 2. Samba. 3. Escolas de samba - Rio de Janeiro (RJ). 4. Infância - Aspectos sociais. 5. Carnaval e crianças. 6. Ancestralidade. I. Silva Filho, Osmar Soares da. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 305.8

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

Adriane Soares dos Santos

VENTANIAS ANCESTRAIS: Os saberes do samba e suas narrativas no terreiro das escolas de samba mirins

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico.

Aprovado em: 26/04/2025

Banca Examinadora:

Litt.D. Osmar Soares da Silva Filho (Orientador) Colégio Pedro II

Litt. D. Márcio Vinicius do Rosário Hilário Colégio Pedro II

Prof Dr. Wallace Lopes Silva Ippur- UFRJ

Rio de Janeiro

2025

VENTANIAS ANCESTRAIS: Os saberes do samba e suas narrativas no terreiro das escolas de samba mirins

Adriane Soares dos Santos
Orientador: Osmar Soares da Silva Filho

Resumo: Este trabalho emerge do entrelaçar pesquisa de mestrado realizada no período de 2021 a 2023 com as vivências, leituras e estudos do curso EREEREBÁ. Os saberes da cultura do samba evocam a nossa ancestralidade ao mesmo tempo em que se renovam e reconstruem com a participação e narrativas tecidas pelas crianças que frequentam as Escola de Samba Mirins. Nesse caminhar, busca-se evidenciar os processos de aprendizagem do movimento de ser sambista que emergem das relações das crianças entre pares e das relações intergeracionais que elas estabelecem dentro da Escola de Samba Mirim. Envolvendo o presente, o passado e o futuro, revela-se uma possibilidade de olhar as crianças por suas culturas e práticas sociais dentro de um contexto específico de educação, a Escola de Samba, revelando a construção de uma pedagogia própria da cultura do samba. Trata-se de um processo de educação em constante movimento, onde os ventos se renovam evidenciando que o fazer criativo e inventivo ancestral da população negra vive e resiste personificado nos corpos das crianças sambistas.

Palavras-chave: samba; infâncias; escolas de samba mirim; ancestralidade.

Abstract: This work emerges from the interweaving of master's research carried out between 2021 and 2023 with the experiences, readings and studies of the EREEREBÁ course. The knowledge of samba culture evokes our ancestry while being renewed and reconstructed through the participation and narratives woven by the children who attend the Escola de Samba Mirins. The aim is to highlight the processes of learning to be a samba dancer that emerge from the children's relationships between peers and the intergenerational relationships they establish within the Escola de Samba Mirim. Involving the present, the past and the future, it reveals the possibility of looking at children through their cultures and social practices within a specific educational context, the Samba School, revealing the construction of a pedagogy specific to samba culture. It is a process of education in constant movement, where the winds are renewed, showing that the ancestral creative and inventive work of the black population lives on and resists, embodied in the bodies of samba children.

Keywords: samba; childhood; children's samba schools; ancestry.

*Vento, ventania, vendaval!
A força é seu radical Eparrei!
Os ventos que contam histórias
Que carregam e narram memórias
Sopram saberes, como a sabedoria de Oyá.
Ventania encantada
Evoca que o futuro é ancestral
Onde as crianças brincam,
Tocam,
Sambam,
Sorriem.
Nos terreiros das Escolas de Samba Mirins
Sopram os ventos do passado no presente,
Trazem o vento do futuro para o agora.
Não há o devir; o vir a ser
As crianças aprendem sendo!
São pequenos sambistas
Repletos de grande talento
Que nos ensinam narrativas outras, por uma pedagogia
outra.
Uma pedagogia Contracolonial já diria Nego Bispo,
As crianças destronam as lógicas, ressignificando-as
Unindo tradição e inovação
De Pimpolhos a Aprendizizes
Ventos e histórias que às vezes se perdem no tempo.
Mas se perdem tempo dos homens, e não no tempo dos
nossos ancestrais.
Que ressurgem
Encarnados em narrativas orais,
O samba é oralidade, é movimento O samba, é afeto, é
vida!
É memória,
Sempre lembrado, sempre presente
O samba samba, ginga, brinca e encanta
Os encatamentos encarnados nos corpos de adultos e
crianças,
Em brincantes e ritmistas.
Na síncopa do ritmo, nos quilombos.
Terreiros e quadras.
O samba está presente com suas encantarias e sabedoria.
Nos olhares atentos dos pequenos sambistas.
Através de histórias narradas pelos mais velhos
E ouvidas atentamente pelos mais novos
O vento vem se achegando
Vem soprando!
Ventania pode vir.
Entra em mim e me reencanta.*

*Afinal o samba também é cura, o samba é abundância.
(Adriane Soares, 2024)*

1- **Dançando com o vento: o entrelaçar da pesquisa de mestrado e os saberes apreendidos no EREREBÁ**

O presente trabalho é fruto das minhas inquietações e reflexões acerca das Escolas de Samba Mirins, mais especificamente das relações de aprendizagem o ser sambista que emergem dentro dos terreiros das Escolas de Samba Mirins entrelaçados aos estudos acerca da das relações étnicos raciais, no que tange a reflexão acerca das ancestralidades e principalmente do protagonismo negro na sociedade. Nesse caminhar, para chegar à definição do enredo do presente artigo, se faz necessário realizar uma retrospectiva que correlaciona a minha vida profissional, pessoal e acadêmica. Em uma noite de dezembro de 2018, em pleno verão carioca, eu participava do meu primeiro ensaio de rua como ritmista do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. A Rua Silva Teles, localizada no bairro do Andaraí na cidade do Rio de Janeiro, estava tomada pelos componentes da Escola e por foliões, amantes e torcedores da agremiação.

O samba enredo, que é a canção, a tradução poética do tema escolhido pela Escola de Samba para o desfile, era cantado a plenos pulmões por todos que ali estavam. Um entoar forte, de um samba que saudava o orixá Xangô. Senti meu corpo arrepiar. Jovens, velhos, homens, mulheres e crianças, todos juntos, numa grande comunidade e coletividade, brincavam, pulavam, dançavam e cantavam o carnaval. Xangô, orixá da justiça na mitologia iorubá, o esposo de Iansã, era evocado pela comunidade salgueirense. Nesse momento senti uma emoção que é difícil descrever em palavras. O coração acelerou, o corpo tremeu, a voz embargou, a lágrima nasceu no canto do olho, e ali, naquela noite, me descobri mais uma apaixonada pelo Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. Sim, foi uma descoberta, posto que, eu não venho de uma família de sambistas, não possuo tradições familiares enraizadas no samba, mas ainda assim fui argolada e capturada pelo ritmo e som da bateria, aprendi a tocar o instrumento chamado chocalho e mesmo não tendo nascido no samba, o “samba nasceu em mim”. Me encantei com o rodopiar das baianas, com o samba no pé dos passistas, com o bailar do casal de mestre-sala e porta-bandeira, com a sabedoria e elegância da velha guarda. Me percebi também reflexiva, à medida que o encontro de gerações, os saberes ali presentes, às crianças que riam, corriam e brincavam na rua, no meio do povo me fizeram conectar com a minha formação como pedagoga, fazendo com que o desejo de compreender melhor a maneira como ocorre a presença e a participação das crianças no contexto das Escolas de Samba. Dessa forma, foi ali, no calor do ensaio, na rua, no meio do povo, no despertar da emoção, no sentir de uma energia indescritível que apontou

os pensamentos iniciais que se concretizaram nos anos seguintes na minha pesquisa de mestrado.

Alguns meses depois, passado o carnaval do ano de 2019, concluída a minha graduação em pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), comecei a participar de maneira mais intensa do universo das Escolas de Samba. O ano de 2019 foi de extrema importância marcando a minha iniciação nos ritos carnavalescos dos desfiles na Marquês de Sapucaí¹. Pude conhecer novas pessoas, fiz novas amizades, participei mais ativamente das reuniões, festejos e ensaios, não somente do Acadêmicos do Salgueiro, mas também de outras Escolas de Samba em que desfilei e ainda desfilei na bateria no decorrer desses anos. Fui apreendendo nas vivências e de corpo inteiro o complexo de saberes que se constitui a cultura do samba. Aprendi que os ensinamentos da coletividade, do respeito aos ancestrais, da musicalidade, do batuque, da oralidade, das histórias, da corporeidade das danças, do flamular o pavilhão, da religiosidade são conhecimentos indissociáveis no terreiro das Escolas de Samba, são saberes estes que somente a Escola de Samba pode ensinar.

Em paralelo, no mesmo período, em meados de abril de 2019, comecei a refletir sobre o meu desejo de continuar estudando e pesquisando no âmbito da Educação. A vida seguiu seu curso, sempre permeada pelo samba, pelos sons e ritmo da bateria, pelas crianças nas escolas em que trabalhei e nos espaços das Escolas de Samba que frequentei e ensaiei. O desejo de ser pesquisadora se manteve e fortaleceu e então no ano de 2021 ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/Rio), para realizar o mestrado com a bagagem de professora das infâncias, sambista e ritmista impregnada e reverberando em mim, culminando no ano de 2023 na defesa da dissertação intitulada “NÓS TEMOS O APRENDIZES, O AMANHÃ ESTÁ GARANTIDO”: os processos de aprendizagem do ser sambista na Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro”.

A pesquisa de mestrado realizada perspectivou pensar as infâncias e os processos de aprendizagem emergentes no contexto de uma Escola de Samba Mirim a partir de uma pesquisa de campo realizada com crianças, aprendizes do samba, no período de organização, produção e ensaios do Carnaval dos anos de 2022 e 2023. No estudo, empreendeu-se a construção de uma etnografia no qual considerou-se o contexto educativo não escolar em que se configura a Escola de Samba objetivando ampliar a reflexão na construção de um estudo interdisciplinar para pensar e pesquisar as crianças e os processos de aprendizado do

¹ Avenida Marquês de Sapucaí é o local onde ocorrem os desfiles das Escola de Samba do grupo Especial e do grupo de Acesso do Carnaval da cidade do Rio de Janeiro.

tornar-se sambista, entrelaçando os saberes da antropologia, da educação e do samba. Destaca-se que o objetivo central da pesquisa de mestrado incidu em compreender os processos de aprendizagem do movimento de ser sambista que emergem das relações das crianças entre pares e das relações intergeracionais que elas estabelecem dentro da Escola de Samba Mirim que foi investigada. Revelou-se uma possibilidade de olhar as crianças por suas culturas e práticas sociais dentro de um contexto específico de educação, evidenciando a construção de *pedagogia nativa*, isto é, uma pedagogia própria da Escola de Samba.

Concluído o mestrado, os ventos sopraram e no ano de 2023 ingressei na turma 5 da Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá), no Programa de Pós-Graduação do Colégio Pedro II. Um reencontro com a instituição (pois sou ex-aluna da Educação Básica do Colégio Pedro II) e um encontro com um grupo de estudantes e professores incríveis. Os ventos, as andanças, os encontros e principalmente o samba me fizeram querer aprender mais sobre a cultura negra, sobre os saberes e conhecimentos afro-diaspóricos, sobre a nossa ancestralidade e seus atravessamentos e entrelaçamentos no campo da educação. Nesse vendaval em que a vida se apresentou para mim foi no e com o samba que me reconheci enquanto mulher e profissional negra, e foram os estudos no Ererebá que me fortaleceram no âmbito profissional e pessoal. Evidencio que havia uma lacuna na minha trajetória acadêmica e como profissional da educação no que concerne aos estudos e leituras das relações étnicos raciais e dos saberes afro-brasileiros. Autores e pesquisadores negros e negras foram apagados na minha graduação e também no mestrado. Apagamento esse da história, dos escritos, da produção intelectual, do protagonismo da construção de conhecimento da população negra que ao longo de anos perdura. E é justamente no samba e na sua existência e resistência, como modo de vida, como expressão da potência, da criatividade, da sabedoria da população negra que me encontro, me refaço, me descubro. É com e os sobre o samba que pesquiso e escrevo o presente artigo, utilizando destacando as narrativas, o protagonismo, a inventividade, a sabedoria, a criatividade e a potência das Escolas de Samba e principalmente das Escolas de Samba Mirins.

Nessas vias, compreendo que o entoar para a academia os saberes e conhecimentos do samba e mais especificamente das crianças e de um carnaval que é construído com e para elas infere apresentar e firmar um campo de estudo que verdadeiramente valorize e respeite o samba e todo seu complexo de saberes e as crianças sambistas. Nesse caminhar, com o objetivo de demarcar a agência e o protagonismo do samba e das crianças sambista, no

presente texto escolhi grafar Escola de Samba e Escola de Samba Mirim em maiúsculo para valorizar e afirmar a importância e multiplicidade de saberes e sentidos do terreiro do samba considerando as suas complexidades, a sua historicidade e as suas composições.

Dessa maneira, o artigo está organizado traçando um paralelo com os ventos da orixá Oiá, evocando as forças das narrativas ancestrais do samba, da sua origem com as transformações e renovações que emergem com as Escolas de Samba Mirins. Deixemos o vendaval adentrar, evidenciando o protagonismo e potência da narrativa negra no samba e mais especificamente a força das narrativas que as crianças constroem nas Escolas de Samba Mirins.

2- Começo, meio, começo: os ventos ancestrais da história do samba

Vivia em terras de Queto um caçador chamado Odulecê.
 Era o líder de todos os caçadores.
 Ele tomou por sua filha uma menina nascida em Irá, que por seus modos espertos e ligeiros era conhecida por Oiá.
 Oiá tornou-se logo a predileta do velho caçador, conquistando um lugar de destaque naquele povo.
 Mas um dia a morte levou Odulecê, deixando Oiá muito triste.
 A jovem pensou numa forma de homenagear o seu pai adotivo.
 Reuniu todos os instrumentos de caça de Odulecê e enrolou-os num pano.
 Também preparou todas as iguarias que ele tanto gostava de saborear.
 Dançou e cantou por sete dias, espalhando por toda parte, com seu vento, o seu canto, fazendo com que se reunissem no local todos os caçadores da terra.
 Na sétima noite, acompanhada dos caçadores, Oiá embrenhou-se mata adentro e depositou ao pé de uma árvore sagrada os pertences de Odulecê.
 Olorum, que tudo via, emocionou-se com o gesto de Oiá e deu-lhe o poder de ser a guia dos mortos no caminho de Orum.
 Transformou Odulecê em orixá e Oiá na mãe dos espaços dos espíritos.
 Desde então todo aquele que morre tem seu espírito levado ao Orum por Oiá.
 Antes, porém, deve ser homenageado por seus entes queridos, numa festa com comidas, cantos e danças.
 Nasceu assim o funerário ritual do axexê. (Itã Oiá inventa o rito funerário do axexê. PRANDI, 2001)

Os ventos de Oiá espalharam-se por toda a parte e nos ensinaram, através do rito funerário do axexê, a importância de homenagearmos e resgatarmos a memória e trajetória dos nossos ancestrais. Oiá carrega em seus ventos os nossos antepassados, assim como o

samba evoca a nossa ancestralidade, nossos começos. Nesses sopros, compreendemos que o samba é o produto da cultura negra afrodiáspórica, isto é, o produto do associativismo negro no período do pós-abolição (CORDEIRO, 2018). O samba é o sagrado da cultura negra caracterizado como um complexo de saberes interligados.

Nos quilombos, nos engenhos, nas plantações, nas cidades, havia samba onde estava o negro, como uma inequívoca demonstração de resistência ao imperativo social (escravagista) de redução do corpo negro a uma máquina produtiva e como uma afirmação de continuidade do universo cultural africano. (Sodré, p. 12, 1998)

Ressaltamos que refletir sobre o samba para além de um gênero musical, infere compreendê-lo como um modo de vida, um modo de estar no mundo que no período do carnaval transborda e encanta a milhares de pessoas da cidade do Rio de Janeiro, do Brasil e do mundo. Conforme Cordeiro (2018) aponta:

O carnaval brasileiro é símbolo de um projeto de identidade nacional e, ao mesmo tempo, um evento turístico que nos distingue e atrai milhares de espectadores e turistas para o país ano após ano. Tratando-se o Brasil de um país de dimensões continentais e amplamente diverso culturalmente, o mais correto é falar de carnavais brasileiros ao invés de carnaval brasileiro. A gama de manifestações carnavalescas no país é diversa e reflete a pluralidade de produções culturais. (Cordeiro, p. 234, 2018)

O autor evidencia que ao falarmos de samba, estamos tratando, além de um ritmo, de uma cultura musical, uma cultura diáspórica que se desenvolveu sobretudo nos morros cariocas, como consequência das reformas urbanas de racionalização do espaço promovidas no início do século XX. O samba e as escolas de samba são criações da população negra no período pós-abolição, que com o passar do tempo conquistaram a todos, descendo do morro para o asfalto e mostrando a religiosidade e a musicalidade negra. Assim, o samba é a representação da produção criativa e inventiva da população negra.

Devido à relação intrínseca entre os cultos de matriz afro-brasileira, o samba enquanto ritmo e cultura musical e as escolas de samba, torna-se impossível falar dessas agremiações carnavalescas sem o entendimento de que estas são manifestações culturais nascentes das comunidades negras do Rio de Janeiro. O samba urbano dos morros cariocas, tocado e cantado nos terreiros, é que irá descer para o asfalto e conquistar a cidade através das escolas de samba após uma transformação promovida por músicos e compositores do Morro de

São Carlos no Estácio de Sá, introduzindo instrumentos e promovendo alterações de ritmo e andamento” (Cordeiro, p. 236, 2018)

O samba, como em toda história do negro no Brasil, foi duramente criticado, de modo que as reuniões e os batuques eram frequentemente perseguidos por policiais ou por parte das autoridades brancas. A Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, nos versos do seu samba enredo para o carnaval de 2025 evidencia os processos de perseguição e violência.

Forjado no arripio da lei que me fez vadio. Liberto na senzala social malandro, arengueiro, marginal . Na gira, jogo de ronda e lundu, onde a escola de vida é zungu. Fui risco iminente. O alvo que a bala insiste e achar, lamento informar um sobrevivente . Meu som, por você criticado sempre censurado pela burguesia. Tomou a cidade de assalto e hoje, no asfalto, a moda é ser cria. Quer imitar meu riscado, descolorir o cabelo, bater cabeça no meu terreiro. (Trecho do samba enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, 2025)

Sodré (1998) pontua que a resistência frente a tais perseguições era hábil e solidamente implantada em lugares estratégicos, pouco vulneráveis. Um desses lugares de acolhida e resistência do povo do samba era a residência de Hilária Batista de Almeida, a Tia Ciata, localizada na região da Praça Onze, no centro da cidade do Rio de Janeiro.

A casa da Tia Ciata, babalaô mirim respeitada, simboliza toda a estratégia de resistência musical à cortina de marginalização erguida contra o negro em seguida à Abolição. A habitação- segundo depoimentos de seus velhos frequentadores - tinha seis cômodos, um corredor e um terreiro (quintal). Na sala de visitas, realizavam-se bailes (polcas, lundus, etc); na parte dos fundos, samba de partido-alto ou samba-raiada; no terreiro, batucada. (Sodré, p. 15, 1998)

Foi na residência da Tia Ciata que foi criado o samba “Pelo Telefone”, que lançaria o novo gênero musical no mercado fonográfico brasileiro e posteriormente mundial. Sodré (1998) ressalta que os músicos do primeiro samba gravado foram recrutados dos frequentadores da casa da Tia Ciata, dentre eles Donga, João da Baiana, Pixinguinha e Heitor dos Prazeres. Já a criação das primeiras Escolas de Samba na cidade do Rio de Janeiro é marcada nos registros históricos entre as décadas de 1920 e 1930, tornando-se conhecidas ao longo dos anos como um lugar de produção cultural e espaço de criação do samba. Nei Lopes

e Luiz Antônio Simas (2022) no livro “Dicionário da história social do samba” apresentam que:

As escolas de samba se formam a partir de um universo que engloba diversas referências: dos ranchos carnavalescos (antes, pastoris e natalinos); dos batuques, tanto profanos quanto religiosos; e da música popular da época. São frutos, portanto, da articulação dessas diversas influências e uma série de interesses políticos e sociais que marcam a primeira metade do século XX. Nessas origens, apresentam três aspectos intermediários entre a disciplina dos ranchos e a desordem dos blocos de sujeitos (aqueles caracterizados pelo improviso nas fantasias, nos instrumentos utilizados e no repertório musical): a dança espontânea, que substituiu a rígida coreografia dos ranchos; o canto das baianas, a exemplo do coro das pastoras; e a cadência do recém nascido samba “batucado” carioca. Criadas e desenvolvidas a partir do Rio de Janeiro entre as décadas de 1920 e 1930, ainda dentro do propósito de recreação e sociabilidade, as escolas de samba logo foram incentivadas a competir entre si. As agremiações pioneiras, integradas majoritariamente por negros, desciam dos morros próximos ao Centro do Rio de Janeiro e dos subúrbios para a Praça Onze. (Lopes e Simas, p. 116, 2022)

A pesquisadora Cavalcanti (1999) ressalta ainda que a Escola de Samba é um produto do encontro do morro com a cidade, da interação do samba e seu universo social em expansão com outras camadas da sociedade.

As escolas organizaram-se e estruturaram-se entre os anos de 1920 e 1950, definindo o desfile como acontecimento específico dentro do carnaval e conquistando com ele a hegemonia carnavalesca na cidade. Já hegemônicas na cidade, elas asseguraram também, entre os anos 60 e 80, a primazia no país (Cavalcanti, p. 83, 1999)

Desde a criação até os dias atuais, dentro de sua quase secular história, as Escolas de Samba e os desfiles carnavalescos sofreram diversas modificações em sua estrutura e em seu funcionamento, ao passo que o carnaval carioca se expandiu e se estruturou com uma capacidade de renovação singular, sofrendo uma série de transformações estéticas e rítmicas, combinando linguagens artísticas distintas como a visualidade, a música e a dança.

Um aspecto que chama a atenção é que na década de 1970 teve início um grande afluxo da classe média na participação dos desfiles das escolas de samba. Aumentando a população de participantes, com percentagem crescente dos estratos médios da população, o evento do desfile chamava cada vez mais a atenção de outras pessoas e, particularmente, da mídia, que acabou desempenhando

um papel preponderante no engrandecimento dos desfiles (Leopoldi, p. 12, 2010)

A construção da Passarela do Samba, o Sambódromo², em 1984, expressou o reconhecimento oficial do potencial turístico, econômico e artístico do desfile na vida da cidade do Rio de Janeiro. As Escolas de Samba passaram então a ser o foco da mídia, o que possibilitou que os desfiles se tornassem um grande espetáculo, sendo considerado o evento de maior destaque nos dias de folia, aguardado por uma multidão de pessoas de diferentes idades, etnias e classes sociais, que se envolvem, trabalham e brincam a folia.

Celebra-se a carne, o corpo, a finitude, com máscaras, fantasias e inversões, com crítica e sátira festivas à ordem social cotidiana que, temporariamente suspensa, retornará logo a seguir... O carnaval possui sua própria história, existe em contextos sociológicos distintos e abrange diferentes formas, todas com sua história particular (Cavalcanti, p. 77, 1999)

Assim, o carnaval, e mais especificamente o desfile das agremiações, tornou-se uma grande festividade que tem o samba como seu ritmo, o corpo e a dança como seu instrumento e a cultura negra diaspórica, como sua raiz.

Como não se emocionar diante da poderosa percussão das baterias, do magnífico balé dos mestres-salas e porta-bandeiras, das vozes dos puxadores de samba-enredo, da habilidade dos compositores, da criatividade dos carnavalescos, do colorido dos carros alegóricos, das alegrias das alas, do rodar acolhedor das baianas e, finalmente, da imagem espetacular do conjunto de uma escola vista do alto da arquibancada? Renascendo a cada ano de suas próprias cinzas, o desfile celebra a finitude do corpo, o aqui e o agora, o tempo que passa em seu inexorável fluxo, junto com o desfile de uma escola. Ele alimenta, com pura alegria carnavalesca, a perspectiva de sua própria morte reinstaurada a cada ano e projetada no horizonte desconhecido da história. (Cavalcanti, p. 86, 1999)

Ressalta-se que ao pensarmos o samba, temos que compreender que a sonoridade e o ritmo não se separam da dança, pois samba é corporeidade, a centralidade do corpo é fundante nas manifestações da cultura negra. O corpo carrega o saber incorporado que reage ao som do tambor, sendo a sua resposta dançada, suingada, requebrada. O samba é embebido no princípio exuvístico, que infere o movimento. O samba é dono do corpo, o corpo abre os

² O popularmente conhecido como Sambódromo é oficialmente denominado como Passarela Professor Darcy Ribeiro, fica localizado na Avenida Marquês de Sapucaí, na Zona Central da cidade do Rio de Janeiro, sendo o local onde ocorre os desfiles das escolas de samba do grupo especial, do grupo de acesso e as escolas de samba mirins do carnaval da cidade do Rio de Janeiro.

caminhos e encanta as ruas. O samba reconstrói a humanidade dos corpos negros com a musicalidade, a dança, a coletividade e a religiosidade. Assim o barracão das escolas de samba, encontra seu par no barracão de santo, o terreiro de samba se entrelaça ao terreiro de santo. E nesse jogo, jogado por corpos negros, pela cultura da rua, pela cultura do samba, adultos e crianças brincam.

O samba, o seu ritmo e a sua dança, regem o carnaval carioca, e sua importância e representatividade cultural foi considerada patrimônio imaterial da cultura brasileira, após a elaboração do Dossiê das Matrizes do Samba do Rio de Janeiro, no ano de 2007. Este documento se consolidou a partir da pesquisa que buscou localizar o legado e o valor do samba no Rio de Janeiro, mostrando seu papel fundamental na tradição cultural da cidade e como referência cultural nacional. A elaboração do Dossiê foi liderada pelo Centro Cultural

Cartola, dando origem à titulação do samba carioca nas modalidades de samba de terreiro, samba de partido alto e samba de enredo como Patrimônio Imaterial Brasileiro pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN/ Ministério da Cultura. A titulação foi obtida em 2007, com a inscrição dessas modalidades de samba no Livro de Registro das Formas de Expressão.

No começo do século XX, comunidades negras do Rio de Janeiro excluídas de participação plena nos processos produtivos e políticos formais, perseguidas e impedidas de celebrar abertamente suas folias e sua fé deram forma a um novo samba, diferente dos tipos então conhecidos, que viria a ser chamado de samba urbano, samba carioca, samba de morro ou simplesmente samba. Elas também criaram as escolas de samba, espaços de reunião, troca de experiências, estabelecimento de redes de solidariedade, criação artística e festa” (Brasil, p. 9, 2007)

Sodré (1998) pondera que o samba simboliza toda a estratégia de resistência musical à cortina da marginalização erguida contra o negro. É nesse contexto fervoroso de criatividade, resistência e musicalidade, que as Escolas de Samba foram criadas e configuram-se como o pulsar da arte e da cultura negra brasileira, envolvendo adultos e também crianças.

A cultura negra possibilita aos negros a construção de um “nós”, de uma história e de uma identidade. Diz respeito à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural. Esse “nós” possibilita o posicionamento de negro diante do outro e destaca aspectos relevantes da sua história e de sua ancestralidade. (Gomes, p. 79, 2003)

Nesse caminhar, as escolas de samba se constituíram como espaços em que os indivíduos se associavam por compartilhamento e identificação. Cordeiro (2017) coloca que podemos compreender as escolas de samba como formas de interação e associação de agentes sociais marginalizados em uma sociedade racista que encontraram nesta forma de organização um espaço de positivar suas vivências e pertencimento. Os ventos que sopram na Marquês de Sapucaí durante os desfiles carregam toda a história, trajetória e memória da criação das Escolas de Samba para o presente. Para além da espetacularização, devemos nos atentar às vivências, a força, a inteligência, a sabedoria e conhecimento da população negra, inventora e mantenedora dos terreiros das Escolas de Samba. Como evoca o samba enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija Flor de Nilópolis do ano de 2018:

Mas o samba faz essa dor dentro do peito ir embora. Feito um arrastão de alegria e emoção, o pranto rola. Meu canto é resistência, no ecoar de um tambor. Vem ver brilhar mais um menino que você abandonou (Trecho do samba enredo do GRES Beija Flor de Nilópolis, 2018)

Os ventos ancestrais são carregados de geração em geração e encontram os novos ventos, representados pelas crianças e pelas Escolas de Samba Mirins. O sagrado e o legado do samba são ensinados para os mais jovens, a caminhada prossegue, e a memória não se apaga. De Pimpolhos a Aprendizes, de Filhos da Águia a Estrelinhas da Mocidade, as crianças brincam o carnaval e continuam resistindo e reescrevendo as narrativas do samba.

3- Sopram novos ventos: a criação das escolas de samba mirim da cidade do Rio de Janeiro

Oiá desejava ter filhos, mas não podia conceber. Oiá foi consultar um babalaô e ele mandou que ela fizesse um ebó. Ela deveria oferecer um carneiro, um agutã, muitos búzios e muitas roupas coloridas. Oiá fez o sacrifício e teve nove filhos. Quando ela passava, indo em direção ao mercado, o povo dizia: ‘Lá vai Iansã’. Lá ia Iansã, que quer dizer mãe nove vezes. E lá ia ela orgulhosa ao mercado vender azeite de dendê. Oiá não podia ter filhos, mas teve nove, depois de sacrificar um carneiro. E em sinal de respeito, por ter seu pedido atendido, Iansã, a mãe dos nove filhos, nunca mais comeu carneiro. (Itã “Oiá recebe o nome de Iansã, mãe dos nove filhos”. Prandi, 2001)

Os novos ventos de Oiá sopram e trazem essa constante renovação para o samba, com a criação das Escolas de Samba Mirins. As sementes do samba vão sendo espalhadas por esse vento e a participação das crianças nesse mundo onde os ancestrais são cultuados em rodas e desfiles de samba são a contraprova de que o mundo negro se complementa na continuidade. Quem vai, volta através do mais novo que chega e quem chega traz consigo a capacidade de aprender com os mais velhos o que outros mais velhos ensinaram – e assim sucessivamente.

Assim, no que tange a participação das crianças, elas são as protagonistas dos desfiles das Escolas de Samba Mirins. Em sua tese de doutorado, Carla Machado Lopes (2019) contextualiza historicamente o processo de construção e fundação das Escolas de Samba Mirins, evidenciando que a primeira Escola criada na cidade do Rio de Janeiro foi o Grêmio Recreativo Escola de Samba Mirim (GRESM) Império do Futuro, no ano de 1983, pelo pioneirismo de Arandir Cardoso dos Santos³ mais conhecido como Careca.

O GRESM Império do Futuro, tem como referência a Escola de Samba Império Serrano, denominada sua Escola Mãe, assim como o Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro, possui como sua Escola mãe a Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. É importante compreendermos o contexto de fundação das agremiações mirins no que infere o objetivo de garantir a preservação da cultura das Escolas de Samba e de seus valores afro-brasileiros com a formação das crianças como futuros sambistas. Conforme apresenta Lopes (2019), a aprendizagem da cultura das Escolas de Samba, antes restrita ao convívio intergeracional presente nos ambientes familiares e das quadras e terreiros, se constituiu como uma tradição típica das Escolas de Samba. A perpetuação dos saberes e narrativas ancestrais do samba, anteriormente dada dentro do seio familiar e na vizinhança local, adquiriram então um espaço e um local próprio, as Escolas Mirins, que se estruturaram e se firmaram como lócus de formação de aprendizes do samba.

As crianças, enquanto aprendizes do samba, nas relações que estabelecem no espaço e com os sujeitos (adultos e crianças) que frequentam a Escola de Samba Mirim, vão aprendendo o que Lima (2005) infere como a cultura do samba, isto é, aprendem as redes de significados, costumes, práticas, comportamentos, socialização, saberes e sociabilidades que estão ligadas ao gênero musical samba e, mais especificamente, às particularidades do universo da Escola de Samba.

O samba nunca esperou pela escola para assediar a vida cotidiana de milhões de cariocas (e brasileiros de uma maneira geral). Mas o que

³ Sambista (passista) integrante do Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano.

se coloca é que esta cultura do samba vai além da produção musical: tem as Escolas de Samba, as rodas de samba e toda uma maneira de viver e de se relacionar com o mundo que não atende, historicamente, apenas a determinadas faixas etárias. São parte da nossa história, ajudaram a forjar nossa identidade e nos fazer o que somos no Rio de Janeiro e também no Brasil. (Lima, p. 234, 2005)

Com o enfoque nas trocas que emergem dentro do ambiente das agremiações mirins, é necessário definirmos o que inferimos com o termo Escola de Samba Mirim. Nesse sentido, sublinho a descrição dada por Leonardo Bruno e Nei Lopes (2024) que apresentam:

Escolas mirins são agremiações associativas que surgem para reunir as crianças das comunidades, que nem sempre têm lugar nas escolas adultas nas quais, em geral, elas ficavam confinadas à Ala das Crianças. A partir do momento em que se cria uma escola mirim, os jovens têm a possibilidade de exercitar as diversas artes contidas num desfile: o ritmo da bateria, a dança do passista, a poesia do compositor, etc. No volume Vi da série bibliográfica do Acervo do Samba UERJ, dedicado à Kizomba da Vila Isabel, seus coautores, citando o verbo herdar na sua acepção de “receber por transmissão ou hereditariedade, receber dos predecessores”, frisaram que as crianças e jovens de uma escola mirim são aquelas que herdaram o conjunto de conhecimentos e tradições elaborados e acumulados historicamente pela agremiação mãe de todos os bambas que os precedem no tempo. A entidade seria, assim, uma instituição social que estabelece uma relação educativa no seio da comunidade, admitindo o samba como autêntica prática cultural e um saber a ser transmitido às novas gerações. (Bruno e Lopes, p. 223- 224, 2024).

O protagonismo infantil é um ponto fundamental nas discussões acerca das agremiações mirins, à medida que, através das relações cotidianas e intergeracionais entre crianças e adultos, os pequenos sambistas atuam inaugurando possibilidades e narrativas outras de modo a construir transformações em sua potência criadora e inventiva, onde muitos adultos não vislumbram perspectivas e alterações, isto é, as crianças são as protagonistas, são agentes dos processos relacionais que emergem nas quadras das Escola de Samba.

Assim como as Escolas de Samba dos adultos, as crianças também realizam o seu desfile, de modo que no ano de 1984 a Escola de Samba Mirim Império do Futuro, desfilou abrindo os desfiles das agremiações do chamado atualmente como Grupo Especial⁴ do carnaval carioca. Após esse marco outras agremiações mirins surgiram e atualmente, no último carnaval do ano de 2025, desfilaram na Sapucaí o total de 18 Escolas Mirins. A ordem dos desfiles da Escolas Mirins foi: Os Netinhos do Tuiuti (como agremiação convidada),

⁴ O grupo especial das escolas de samba é o grupo de elite do carnaval. São 12 escolas de samba que desfilam no Sambódromo em duas noites de festa, competindo para saber qual é a melhor escola do carnaval carioca.

Pimpolhos da Grande Rio, Inocentes da Caprichosos, Infantes do Lins, Golfinhos do Rio de Janeiro, Corações Unidos do Ciep, Herdeiros da Vila, Tijuquinha do Borel, Aprendizes do Salgueiro, Ainda Existem Crianças de Vila Kennedy, Virando Esperança, Estrelinha da Mocidade, Nova Geração do Estácio, Império do Futuro, Filhos da Águia, Mangueira do Amanhã, Petizes da Penha, Miúda da Cabuçu.

Ressalta-se que o desfile mirim é composto dos mesmos elementos dos desfiles das escolas do grupo especial, que consistem em: comissão de frente, casal de mestre-sala e porta-bandeira, bateria, alas, ⁵carros alegóricos, adereços, samba-enredo, carro de som, intérpretes, passistas e destaques de chão. É importante salientar que, diferentemente dos desfiles das Escolas de Samba adultas, o desfile mirim não possui caráter competitivo, ou seja, não há uma escola campeã. No entanto, a Associação das Escolas de Samba Mirins do Rio de Janeiro (AESM-RIO) ⁶ organiza uma festa para a entrega de algumas premiações para as Escolas que se destacaram no desfile mirim como o Troféu Olhómetro e o Estandarte Mirim.

Nessa direção, as crianças, enquanto aprendizes do samba, nas relações que vão estabelecendo no espaço da Escola de Samba Mirim, vão aprendendo o que Lima (2005) infere como cultura de samba, construindo redes de significados, costumes, práticas, comportamentos, socialização, saberes e sociabilidades.

As crianças sambistas são movimento, são transformações, são criação. As crianças aprendem e renovam os processos culturais vivenciados no terreiro da Escola de Samba. São meninos e meninas, crianças de diferentes idades e de diferentes regiões da cidade do Rio de Janeiro que se envolvem, se encantam e iniciam, dentro da Escola de Samba Mirim, seus aprendizados, construindo a continuidade da história, da narrativa e da resistência do ser sambista. Viva o samba! Viva as crianças sambistas!

4- As potencialidades das infâncias negras na escola de samba mirim Aprendizes do Salgueiro

Sou Aprendizes, cria do Torrão
Vermelho e branco é a minha paixão.
Meu coração dispara, o apito anuncia.

⁵ Cada uma das unidades básicas ou células organizacionais das Escolas de Samba, inicialmente formadas por parentes, vizinhos ou amigos. Em razão de suas funções, as alas outrora caracterizadas como “técnicas” ou “de componentes”. Entre as primeiras estavam a ala da bateria, a das baianas e a dos compositores. (LOPEES; SIMAS, 2022, p. 20)

⁶ É a entidade responsável pela organização do carnaval mirim da cidade do Rio de Janeiro.

Furiosinha arrepia. (Trecho do samba enredo do Aprendizes do Salgueiro de 2023)

A Escola de Samba é um local vivo e dinâmico, é um espaço vivenciado, feito de e com pessoas. Espaço de interlocuções, criações, manifestações, sociabilidades. Local repleto de trocas entre os sujeitos que o frequentam, que a admiram e a que vivem ao longo de todo ano. São adultos e crianças que circulam na quadra, que torcem, dançam, encantam e se encantam pela arte do samba e pela Escola de Samba em toda sua polissemia. Nesse caminhar, defronte ao universo das Escolas de Samba Mirins da cidade do Rio de Janeiro destaca-se as reflexões sobre as potencialidades das infâncias negras na escola de samba mirim Aprendizes do Salgueiro desde a criação e fundação da agremiação mirim conhecendo a história que é encontrada nos registros documentais, fotográficos e fonográficos entrecruzando o passado, o presente e o futuro.

No que tange a criação da Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro, Leonardo Bruno e Nei Lopes (2024) colocam que a fundação da Escola data no ano de 1984, contudo denominada Alegria da Passarela, sendo somente no ano de 1989 que a Escola Mirim passa a ser chamada de Aprendizes do Salgueiro.

Em 1984, Osmar Valença fundou a segunda escola de samba mirim do carnaval carioca, que ganhou o nome de Alegria da Passarela. De início, ela não era uma agremiação ligada exclusivamente ao Salgueiro. Tinha as cores do arco-íris e recebia componente vindos de diversas outras comunidades cariocas. No primeiro desfile, em 1985, fez uma homenagem à Turma da Mônica, com samba de autoria do menino Dudu do Cavaco - que depois se consagraria com o nome artístico Dudu Nobre. No entanto, com o decurso do tempo, após a criação de várias agremiações vinculadas às outras escolas de samba do Rio de Janeiro, ela se consolidou como a escola mirim da vermelho e branco tijucana, mudando seu nome para Aprendizes do Salgueiro, em 1989, sob o comando de Tia Mirthes. (Bruno; Lopes, p. 225, 2024)



Figura 1 - Bandeira do GRCEM Aprendizes do Salgueiro



Figura 2 - Bandeira do GRES Alegria da Passarela

A pesquisadora Carla Machado Lopes (2019) em sua tese de doutoramento investiga o processo de construção e transformações vivenciadas pelas Escolas de Samba Mirins evidenciando as relações entre a educação e o espetáculo que no decorrer dos anos modificou a organização e atuação das agremiações. Ao destacar o processo de fundação da Escola Mirim Alegria da Passarela, a autora coloca que:

Quando em 1985, Osmar Valença funda a escola mirim Alegria da Passarela, ele afirmava que seu objetivo era o de “ensinar a desfilar”. Ele intuía a necessidade de formação de novas gerações de sambistas com foco nos desafios técnicos e artísticos que a nova estrutura montada - o Sambódromo - exigia de seus dirigentes e integrantes. A escola de samba mirim participou somente por apenas quatro anos dos desfiles. (Lopes, p. 99, 2019).

E ainda:

Após quatro anos de existência da escola de samba mirim Alegria da Passarela, Osmar Valença decidiu não mais continuar com o projeto da escola. De acordo com Leonardo Bessa (ex-Leonardo Alegria, intérprete da Alegria da Passarela), devido a problemas de saúde e alegando cansaço, o presidente decidiu não mais continuar com a escola de samba mirim, que cumpriu seu último desfile no Projeto Aleluia, realizado pela Riotur, no sábado de aleluia, na avenida Atlântica, em Copacabana. Mas nem tudo foi perdido...No último ano de existência da escola mirim Alegria da Passarela, o G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro cedeu sua quadra para os ensaios da agremiação mirim, e esta aproximação foi muito proveitosa. Tia Mirtes Rodrigues, mãe de Leonardo Bessa, uma das diretoras do G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro, e também diretora atuante na escola Alegria da Passarela, conquistou da presidência da escola adulta o compromisso de manter o projeto, mas criando uma outra escola mirim vinculada à agremiação, que veio a se chamar Aprendizes do Salgueiro, em 1989. (Lopes, p. 105, 2019)

As narrativas e histórias da fundação da agremiação mirim denotam como o sentimento pelo samba e o compromisso pelo carnaval fizeram a criação e continuidade da agremiação mirim permanecer. A Escola de Samba é construída por pessoas, por afetos e esse movimento vívido de pessoas ressoa nos ensaios, nos eventos, nos desfiles. Vivenciar um dia no Aprendizes do Salgueiro é observar e participar de uma série de movimentos e acontecimentos onde as crianças são autoras e protagonistas, reconhecendo-as como informantes privilegiadas de seus modos de ser aprendiz. O espaço da quadra é vivo, são diversas atividades que ocorrem simultaneamente e as crianças sempre participam. Destaca-se que tal participação evidencia as características próprias do terreiro do Aprendizes do Salgueiro. Duarte (2020) ressalta que:

Pensar sobre o lugar ocupado pelas crianças na Escola de Samba, passa por entender esse ocupar perpassado pela posição da criança que participa desse contexto, e constitui-se por um espaço de educação, ocupando um lugar também organizado para e por elas, num processo engendrado na própria história e organização da Escola de Samba e na cultura local de comunidades específicas. (Duarte, p. 61, 2020)

Aprender a tocar um instrumento, aprender o bailar do mestre sala e da porta bandeira, aprender a arte do samba no pé dos passistas, aprender como funciona a organização da Escola de Samba para o desfile, são elementos específicos das Escolas de Samba Mirins. Os processos de aprendizagem das crianças ocorrem através das vivências e

do partilhar das experiências intergeracionais (crianças mais velhas ensinando crianças mais novas, adultos ensinando crianças e jovens) e evidenciam a potencialidade das crianças em aprender fazendo, dançando, tocando, vivendo.



Figura 3 - Foto do final do desfile do GRESM Aprendizes do Salgueiro do ano de 2023



Figura 4 - Foto da apresentação do primeiro casal de mestre sala e porta bandeira do GRESM Aprendizes do Salgueiro em um ensaio de quadra no carnaval do ano de 2023

Ressalta-se que o terreiro das Escola Mirins encontramos cotidianamente os valores civilizatórios afrobrasileiro (Trindade, 2010). É através da oralidade, da musicalidade, da religiosidade, da corporeidade que as crianças apreendem os saberes do samba, sendo sambistas na prática, de corpo inteiro, com suas gingas, danças e giros, inebriados pela força vital da cultura do samba, pelo axé ancestral que circula e constituem os terreiros das Escolas de Samba.

Nessa lógica, os aprendizes aprendem por uma pedagogia própria da Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro, uma pedagogia que se constrói pelos conhecimentos locais das crianças e adultos, das experiências, das trocas dos sujeitos que vivenciam e participam o chão da quadra. Uma pedagogia que também se alicerça na tradição, na ancestralidade e principalmente pela cultura do samba que não sendo estática se renova com os aprendizes.

5- “Eparrei Oiá, Eparrei, sopra o vento, me faz sonhar”: os ventos que evocam a continuidades

Iansã tinha muitas joias, que usava com orgulho. Uma ocasião resolveu sair de casa, mas foi interpelada por seus pais. Disseram que era perigoso sair com tantas joias e a impediram de satisfazer seu desejo. Oiá, furiosa, entregou suas joias a Oxum e fugiu voando, rápida, pelo teto da casa, arrasando tudo o que atravessasse seu caminho. Oiá tinha se transformado no vento. (Itã Iansã foge ligeira e transforma-se no vento, Prandi, 2001)

A força dos ventos de Oiá evocam transformações e mudanças, à medida que a circularidade de seus ventos entrelaça o passado, o presente e o futuro. Dessa maneira, a interação das ventanias ancestrais de Oiá com a ancestralidade fundante das Escolas de Samba Mirins se conectam em um vendaval de saberes e conhecimentos, posto que, falar sobre Escola de Samba Mirim é falar sobre continuidades, memórias e raízes. Nesse caminhar, não finalizo o presente trabalho com considerações finais, ao contrário, há novos caminhos, novos começos, novos ventos. Como o Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela cantou em seu samba enredo no ano de 2019 “Eparrei Oyá, Eparrei, sopra o vento, me faz sonhar”. Oiá sopra novos ventos personificados nas crianças, que resistem e recriam cotidianamente os espaços das Escola de Samba. Espaços esses marcados por uma cultura historicamente marginalizada e que, até hoje, carrega essas marcas deparando-se com a negação e apagamento social. Trata-se, pois, de uma cultura que traz para a cena o protagonismo do povo negro e dos morros, dos subúrbios, das favelas, dos becos e vielas onde as pessoas e as crianças transitam todos os dias.

No presente artigo afirmamos o lugar da Escola de Samba como local de construção de conhecimento e intelectualidade, no qual seus saberes são ensinados pela primazia da oralidade. As crianças aprendem e apreendem saberes ancestrais de um modo de vida, de estar no mundo que somente a Escola de Samba pode ensinar.

Os processos de aprendizagem do ser sambista ao mesmo passo que continuam, se renovam a cada início e término de um ciclo carnavalesco, posto que, o caminhar cíclico que se produz o carnaval não abre possibilidades para um fim, mas sempre para um recomeço. São recomeços marcados pelas relações, pelas experiências anteriores, pelas aprendizagens e saberes construídos ao longo de anos que demarcam uma história, uma identidade do ser sambista.

Desse modo, ser aprendiz do Salgueiro não acaba no final do desfile, ou na quarta-feira de cinzas. Oiá renova seus ventos, assim como a vida nas Escolas Mirins e no samba segue e se transforma. O samba, os aprendizados e os conhecimentos se constroem e

se reconstroem, as crianças aprendizes salvaguardam esses saberes pois tecem suas próprias narrativas nas relações que criam e recriam nos terreiros das Escola de Samba. As crianças em toda a sua potencialidade são sambistas no presente, no agora. Eparrey Oiá!

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Dossiê Matrizes do Samba no Rio de Janeiro: partido-alto, samba de terreiro, samba-enredo*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília: IPHAN, 2014.

BRUNO, Leonardo. **Salgueiro, o “Quilombo” moderno: batuqueiro, mandingueiro, diferente** / Leonardo Bruno e Nei Lopes; Prefácio de Rachel Valença. - Rio de Janeiro: Mórula Editorial; São Paulo: Outras Expressões, 272p. 2024.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiro de Castro. **O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CAVALCANTI. **Os sentidos no espetáculo**. Revista de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, vol.45, n.1, 2002, pp. 35-72.

CAVALCANTI. **Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, UFRJ, 2006.

CORDEIRO, Mauro. **CARNAVALESCOS E AS ESCOLAS DE SAMBA S/A: PRODUÇÃO SIMBÓLICA, INDÚSTRIA CULTURAL E MEDIAÇÃO**. *CSONline - REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS*, 2018.

DUARTE, Fabiana. **Educação das crianças na Escola de Samba: um estudo a partir das relações socioculturais na infância**, 2020, 322 p, Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

PRANDI, Reginaldo, *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação**. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n.23, p. 75-85, mai/ago. 2003.

LIMA, Augusto César Gonçalves. *A escola é o silêncio da batucada? Estudo das relações de uma escola pública do bairro de Oswaldo Cruz e a cultura do samba*, 2005. 283p. Tese de

Doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LOPES, Carla Machado. *Entre educação e espetáculo: escolas de samba mirins no Rio de Janeiro* 2019, 290p. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antônio. **Dicionário da história social do samba**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. 335 p.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Valores civilizatórios afro-brasileiros e Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira**. In.: BRANDÃO, Ana Paula;. Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

SOARES, Adriane dos Santos. **“Nós temos o aprendizes, o amanhã está garantido”: os processos de aprendizagem do ser sambista na escola de samba mirim aprendizes do salgueiro**. 2023, 149 p. Dissertação de Mestrado. – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SODRÉ, Muniz. Samba, o dono do corpo. Rio de Janeiro, Mauad, 1998, 2. ed.